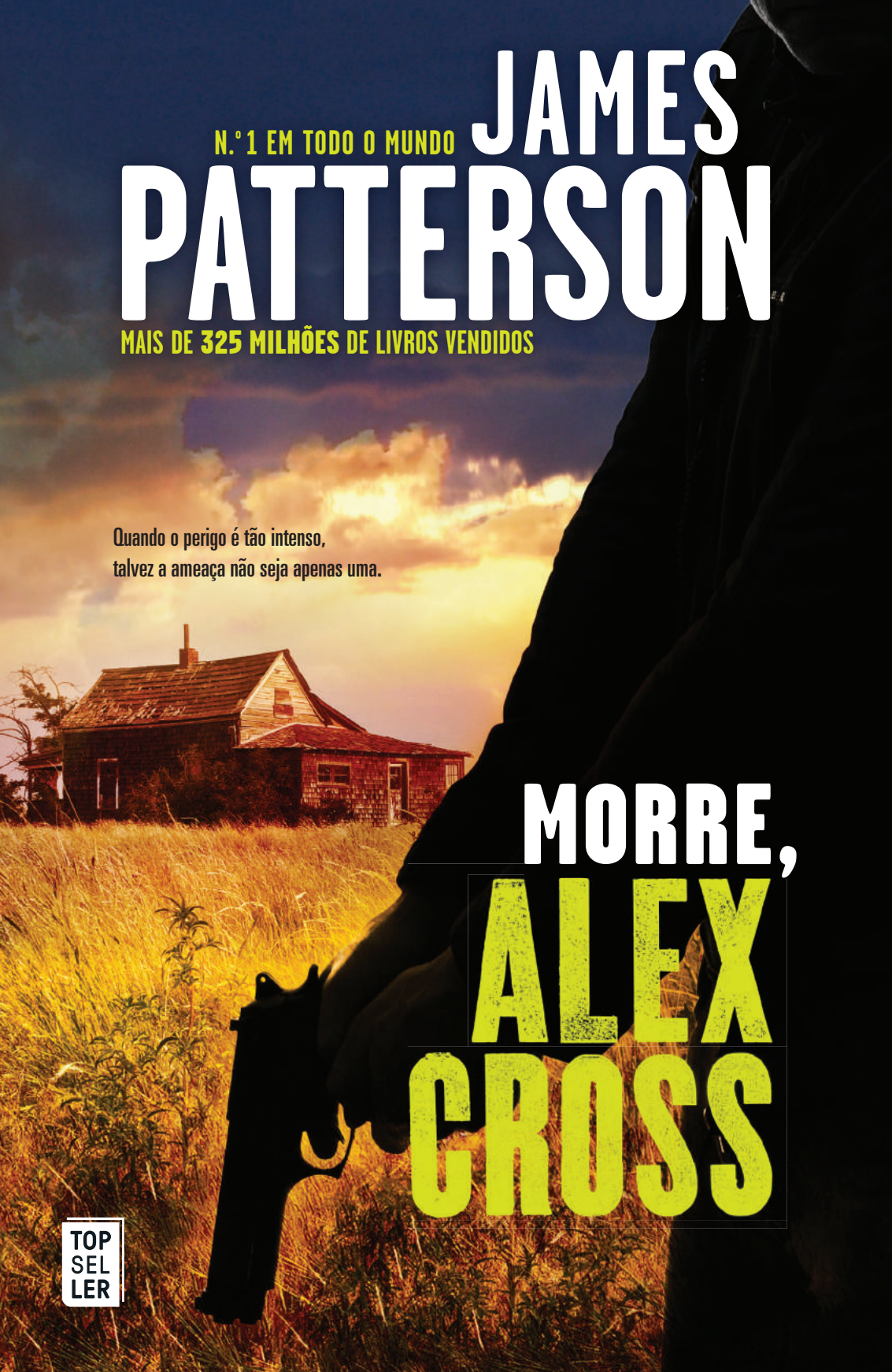


N.º 1 EM TODO O MUNDO

# JAMES PATTERSON

MAIS DE 325 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

Quando o perigo é tão intenso,  
talvez a ameaça não seja apenas uma.



# MORRE, ALEX CROSS

TOP  
SEL  
LER

# CAPÍTULO 1

Tudo começou com os filhos do presidente Coyle, Ethan e Zoe, distintas personalidades desde a sua chegada a Washington, e provavelmente até mesmo antes disso.

Aos 12 anos de idade, Ethan Coyle considerava-se habituado a viver sob a mira de um microscópio e dos olhares do público. Por isso, já quase nem reparava nos repórteres de imagem perpetuamente acampados aos portões da Escola Branaff e nem sequer se preocupava como dantes se algum miúdo que não conhecesse tentasse tirar-lhe uma fotografia no átrio, no ginásio ou até mesmo na casa de banho.

Por vezes, Ethan até fingia ser invisível. Era uma atitude um bocado infantil, uma treta, mas a quem é que isso interessava? Era uma ajuda. Tinha sido um dos tipos mais simpáticos dos Serviços Secretos a sugeri-lo. Contou a Ethan que Chelsea Clinton costumava fazer a mesma coisa. Sabe-se lá se era verdade ou não.

Mas quando Ethan viu Ryan Townsend a dirigir-se para si nessa manhã só *desejou* poder desaparecer.

Ryan Townsend sempre embirrara com ele, e não se tratava apenas de uma paranoia de Ethan. Ele tinha nódoas negras amarelecidas para o comprovar — daquelas que podem ser provocadas por um murro bem dado ou um apertão num músculo.

— Com'ê que é, *Coyle Gasoil*? — disse Townsend, atacando-o no átrio com aquela expressão no rosto. — Já está a ser um mau dia para o Gasoil?

Ethan sabia bem que não devia dar resposta a quem o atormentava e torturava. Optou por virar rapidamente à esquerda em direção aos cacifos — mas foi o seu primeiro erro. Já sem ter para onde ir, foi então que sentiu uma pontada pungente e nauseante na parte lateral da perna. Tinham-lhe dado um pontapé! Townsend quase nem abrandou ao passar por ele. Chamava a estes pequenos incidentes «encontros pontuais».

Aquilo que Ethan *não fez* foi gritar, ou cambaleiar de dor. Era o acordo que tinha consigo próprio: não permitir que ninguém visse o que sentia por dentro.

Em vez disso, deixou cair os livros no chão e ajoelhou-se para tornar a apanhá-los. Foi uma jogada completamente covarde, mas pelo menos deu para tirar o peso de cima da perna por um segundo sem mostrar a todo o mundo que era o saco de pancada de Ryan Townsend.

Só que, desta vez, havia mais alguém a ver — e não era dos Serviços Secretos.

Ethan estava a atafulhar de papel quadriculado o seu dossier de Matemática quando ouviu uma voz que lhe era familiar.

— Então, Ryan? Com'ê que é? 'Tá tudo?

Levantou os olhos mesmo a tempo de ver a sua irmã Zoe, de 14 anos, a encaminhar-se diretamente para Townsend.

— Eu vi o que fizeste — disse ela. — Achaste que não ia reparar?

Townsend inclinou para o lado a cabeça cheia de caracóis louros.

— Não sei de que diabo falas. Porque é que não te metes na tua...?

Assim do nada, um pesado manual escolar amarelo surgiu de súbito nas mãos de Zoe.

Ela deu balanço com força e atingiu-o mesmo no meio da cara com o livro. O nariz do rufia lançou um esguicho vermelho e ele cambaleou para trás. Foi espetacular!

As coisas não se desenvolveram mais até à intervenção dos Serviços Secretos. O agente Findlay puxou Zoe para trás e o agente Musgrove interpôs-se entre Ethan e Townsend. Um grupo de alunos dos sexto, sétimo e oitavo anos já tinha parado a assistir, como se a cena fizesse parte de algum novo *reality show* televisivo — *Os Filhos do Presidente*.

— Seus *falhados!* — gritou Townsend a Ethan e Zoe, ao mesmo tempo que o sangue lhe pingava para a gravata e a camisa branca da Branaff. — Que par de jarras. Precisam da proteção dos vossos leais guarda-costas dos SS!

— Ai, sim? Diz isso ao meu livro de Álgebra — gritou-lhe Zoe em resposta. — E mantém-te longe do meu irmão! És maior e mais velho do que ele, parvalhão. Seu merdoso!

Pela sua parte, Ethan ainda pairava junto dos cacifos, com metade das suas coisas espalhada pelo chão. E, por um segundo ou dois, deu por si a fingir que fazia parte do grupo — que era apenas um miúdo qualquer de quem nunca ninguém tinha ouvido falar, ali parado, a observar toda aquela loucura a acontecer a outra pessoa qualquer.

*Pois, pensou Ethan. Talvez na minha próxima vida.*

## CAPÍTULO 2

Com eficácia, o agente Findlay afastou rapidamente Ethan e Zoe dos mirões e, pior, dos miúdos com os *iPhones* levantados: *Olá, YouTube!* Numa questão de segundos, desapareceu com eles para o anteriormente vazio grande auditório, à saída do átrio principal.

A Escola Branaff fora em tempos a Propriedade Branaff, até a posse legal ser transferida para um fundo educacional dos Quakers. Entre os miúdos dizia-se que o terreno era assombrado, não por boas pessoas que ali tinham morrido, mas pelos descendentes insatisfeitos da família Branaff, que haviam sido despejados para dar lugar à escola privada.

Ethan não acreditava em nenhum desses disparates, mas sempre achara o grande auditório extremamente sinistro — com os retratos antigos pintados a óleo a observarem de modo desaprovador toda a gente que por ali passasse.

— Sabes que o presidente vai ter de ficar a saber disto, Zoe. Da briga, do teu linguajar ali atrás — disse o agente Findlay. — Já para não falar no diretor Skillings...

— Sem dúvida. Faça o seu trabalho — respondeu Zoe com um encolher de ombros e um franzir de sobrolho. Pôs a mão no cocuruto da cabeça do irmão. — Estás bem, Eth?

— Estou ótimo — disse ele, afastando-a com um empurrão. — Pelo menos, fisicamente. — A sua dignidade era outra coisa

completamente diferente, mas pensar nisso naquele momento era demasiado complicado.

— Sendo assim, vamos lá pôr a caravana em marcha — disse-lhes Findlay. — Vocês têm sessão daqui a cinco minutos.

— Já sei — disse Zoe, agitando a mão com desdém. — Como se pudéssemos esquecer-nos da sessão, não é?

A oradora convidada da manhã era Isabelle Morris, investigadora no Instituto de Política Internacional de DC e antiga aluna da Escola Branaff. Ao contrário da maioria dos miúdos da instituição, Ethan estava de facto desejoso de ouvir a Dra. Morris a falar das suas experiências no Médio Oriente. Ele próprio tinha esperanças de um dia trabalhar na ONU. Porque não? Bons contactos já ele tinha, certo?

— Dá-nos só um instantinho? — pediu Zoe. — Queria falar com o meu irmão *a sós*.

— Eu já disse que estou ótimo. Está tudo bem — insistiu Ethan, mas a irmã interrompeu-o com um olhar furioso.

— Ele conta-me coisas que a si não lhe diz — prosseguiu Zoe, respondendo ao olhar cético de Findlay. — E uma conversa privada não é propriamente uma coisa fácil de se ter por aqui, se é que me entende. Sem ofensa.

— Não fiquei ofendido. — Findlay olhou para o relógio. — Tudo bem — disse ele. — Só vos posso dar dois minutos.

— Que sejam então dois minutos. Nós já saímos, prometo — disse Zoe, fechando a pesada porta de madeira depois de ele sair.

Sem dizer uma palavra a Ethan, atalhou por entre as filas das antigas cadeiras de secretária e dirigiu-se para a parte de trás da sala. Saltou para cima da grelha do aquecimento por baixo das janelas.

Foi então que Zoe meteu a mão no casaco azul e cinzento da farda e tirou de lá um pequeno estojo preto lacado. Ethan reconheceu-o de imediato. A irmã tinha-o comprado no último verão em Pequim, numa viagem que fizeram à China com os pais.

— Apetece-me imenso um cigarrinho — sussurrou Zoe. Depois sorriu com malícia. — Acompanhas-me?

Ethan olhou para trás, para a porta.

— Na verdade, não quero perder esta sessão — disse ele, mas Zoe limitou-se a revirar os olhos.

— Ora, *por favor*. Blá, blá, blá, Médio Oriente, blá, blá. Podes ver isso na CNN a qualquer hora da semana — disse ela. — Mas quantas oportunidades tens de te esquivares aos Serviços Secretos? *Vá lá!*

Ethan não tinha nada a ganhar, e sabia disso. Ou ficava a parecer um covarde — mais uma vez — ou perdia o discurso por que esperara toda a semana.

— Não devias fumar — disse ele, de modo lamechas.

— Pois é. Bem, tu não devias choramingar tanto — respondeu Zoe. — Assim, talvez os cretinos como o Ryan Townsend não andassem a chatear-te a toda a hora.

— Isso é só porque o pai é o presidente — disse Ethan. — É só por isso, não é?

— Não. É por tu seres um cromo — respondeu Zoe. — Não vês a canalha a meter-se comigo, pois não? — Abriu a janela, pulou por ela sem esforço e aterrou no chão do lado de fora. Zoe achava-se uma nova Angelina Jolie. — Se não vens, pelo menos dá-me um minuto para fugir. Pode ser, avozinha?

Passado um segundo, Zoe tinha desaparecido.

Ethan olhou mais uma vez por cima do ombro. Depois, fez a única coisa que podia fazer para manter os últimos resquícios de dignidade. Foi atrás da irmã pela janela do auditório — para se meter num sarilho que nunca imaginaria.

*Ninguém poderia imaginar.*

## CAPÍTULO 3

---

Assim que a porta do auditório se fechou com estrondo atrás do agente Clay Findlay, ele verificou a maçaneta — *ainda destrancada*. Depois, olhou para o ponteiro dos minutos no seu *Breitling* em aço inoxidável.

— Vou dar-lhes mais 45 segundos — disse para o microfone no punho. — Depois disso, o T. Rex vai para a sessão e a Crepúsculo para o gabinete do diretor.

As ordens do presidente e da primeira-dama tinham sido para possibilitar a Ethan e Zoe uma experiência escolar dentro da maior normalidade possível, o que incluía os seus próprios conflitos — dentro dos limites do razoável. Claro está que era mais fácil de dizer do que de fazer. Zoe Coyle nem sempre funcionava dentro dos limites do razoável. Na verdade, esse não era um hábito dela. Zoe não era má pessoa. Mas era uma miúda. Voluntariosa. E esperta, e muito dedicada ao irmão mais novo.

— Provavelmente vou levar uma descompostura — disse Findlay baixinho via rádio. — Uma coisa te digo. Aquele puto, o Ryan Townsend, é um cretino. Mas eu não disse isto.

— Tal pai, tal filho — respondeu Musgrove. — O puto teve o que merecia e mais ainda. A Zoe aviou mesmo aquele merdinhas.

Ouviu-se uma gargalhada discreta na linha. O papá de Ryan Townsend era o líder da minoria parlamentar e um feroz oponente



nente a quase todas as ações ou ideias do presidente Coyle. Por vezes, a Escola Branaff parecia uma Washington em miniatura. Que até certo ponto era.

Findlay olhou de novo para o relógio. Exatamente dois minutos. Fim do recreio para os miúdos Coyle. Estava na hora de toda a gente regressar ao trabalho.

— Muito bem, senhoras e senhores, vamos avançar — disse ele para o microfone. Depois bateu duas vezes à porta do auditório e abriu-a com um empurrão.

— Acabou o tempo, malta. Estão prontos para... *bolas!*  
A sala estava vazia.

*Não. Não. Não. Isto não. Raios parta os putos. Raios parta a Zoe!*

A pulsação de Findlay atingiu um novo pico, pelo menos nesse dia. Os olhos saltaram para as janelas de vidraças múltiplas ao longo da parede do fundo.

Enquanto se encaminhava para lá, ia abrindo todos os canais do seu transmissor, para se dirigir não só ao Centro de Operações Conjuntas mas também à sua equipa no local.

— Comando, daqui Ápice Um. Crepúsculo e T. Rex em paradeiro desconhecido — na sua voz havia urgência mas nada de emoção. Não haveria pânico. — Repito: Os dois protegidos estão em paradeiro desconhecido.

Ao chegar às janelas, viu que estavam puxadas para baixo até ao peitoril, mas uma delas tinha sido deixada destrancada. Uma rápida observação do terreno lá fora nada revelou a não ser campos de jogos verde-relva até à vedação sul.

— Findlay? Que se passa?

Já lá estava Musgrove, parado à porta, no átrio.

— Devem ter-se escapulado lá para fora — concluiu Findlay. — Vou dar cabo dela. A sério que vou. Já o devia ter feito há muito tempo. — Tudo aquilo parecia ter a mão de Zoe. Era provavelmente a ideia que ela fazia de uma grande façanha, ou de uma partida aos seus guardiães.

— Comando, Ápice Um — tonou a transmitir via rádio.  
— Crepúsculo e T. Rex ainda em paradeiro desconhecido. Preciso de todas as saídas encerradas, por dentro e por fora...

De repente, despontou uma agitação na linha. Findlay ouviu gritos e o barulho de metal a rilhar em metal. Depois, dois tiros.

— Comando, daqui Ápice Cinco! — Era outra voz que bradava pelo rádio. — Temos uma carrinha cinzenta. Acabou de se evadir pelo portão leste. Avança em direção a sul a alta velocidade pela Wisconsin. A 100, 110 à hora! *Solicito reforços imediatos!*

## CAPÍTULO 4

O sargento Bobby Hatfield, da Polícia Metropolitana, acabara de localizar uma carrinha cinzenta a atravessar a Baixa de Georgetown a pelo menos 90 à hora, quando recebeu a chamada de emergência da secção de distribuição de serviço.

— A todas as unidades, área de patrulha dois-zero-seis. Posível sequestro armado em curso. Duas crianças. São *duas*! Uma carrinha cinzenta percorre a alta velocidade a parte sul da Wisconsin em direção a noroeste. Os Serviços Secretos seguem em perseguição. Solicitamos reforços! É favor mudar para o canal 23.

Hatfield ligou a sirene e fez inversão de marcha no preciso momento em que passou por ele a acelerar um *Yukon* preto pouco discreto. Assim que se ligou ao canal indicado, ouviu a transmissão dos Serviços Secretos relativa à perseguição.

— Vamos seguir para sul. A matrícula é de DC, número DMS oito-dois-três...

— Serviços Secretos, daqui unidade dois-zero-seis da Polícia Metropolitana — interrompeu Hatfield. — Vou surgir à vossa retaguarda.

— Afirmativo, Polícia Metropolitana.

Hatfield acelerou quando o *Yukon* se deixou ficar para trás e o deixou assumir a dianteira. O conta-quilómetros já passava dos 110 à hora e a sua adrenalina estava nos píncaros. Eram muitas as coisas que podiam correr mais mal do que bem.

Na M Street, a carrinha guinou para a esquerda, quase parecendo que poderia virar-se.

Fez a curva com demasiada amplitude e varreu dois carros estacionados sem abrandar. Hatfield abordou a curva — entrar devagar e sair depressa, era essa a ideia — e cortou-a assim que ficou virado na direção certa. Isso fê-lo ganhar algum terreno em relação à carrinha, mas não o suficiente.

— O suspeito dirige-se para leste na M — comunicou ele. — Este tipo vai a voar. Onde andam os malditos reforços? Vá lá, pessoal!

Quando chegaram à Pennsylvania Avenue, mesmo antes de Rock Creek, a carrinha acelerou para a direita. Tratava-se agora de uma rua mais larga, e quem estava a conduzir, fosse lá quem fosse, ganhava cada vez mais velocidade, serpenteando perigosamente na travessia da ponte.

Hatfield pestanejava com força para impedir que a sua visão afunilasse. Havia carros e peões por toda a parte. Era impossível toda aquela cena ser mais confusa.

*Isto não vai acabar bem.* Sentia-o em cada recanto do seu corpo.

Na Twenty Eighth Street, uma segunda unidade policial identificada surgiu finalmente atrás dele. Hatfield reconheceu a voz de James Walsh quando este se apossou da comunicação via rádio. Walsh era seu companheiro na polícia, mas gostava de o atormentar.

— Como é que estás, Robert?

— Vai-te lixar! Como é que estou?

— Prosseguindo para sudeste pela Pennsylvania — continuou Walsh. — O suspeito conduz de modo extremamente errático... parece tratar-se de um único ocupante, mas é difícil precisar. Vamos chegar a Washington Circle a qualquer instante e... oh, merda! Bobby, cuidado! Cuidado!

No momento em que a carrinha entrou na rotunda, virou à esquerda em vez de seguir para a direita, avançando na direção

do trânsito que vinha de frente. Carros e táxis guinaram para sair do caminho.

Da posição de onde Hatfield observava, parecia a separação do mar Vermelho — e ali, do outro lado da brecha, surgia um autocarro urbano, grande demais para ser evitado. O motorista virou tudo para a direita, mas de nada serviu.

Tudo o que fez foi oferecer à carrinha um muro sólido onde embater!

Hatfield pisou no travão com força e fez derrapar o seu próprio carro. Nem nessa altura os seus olhos se desviaram da carrinha.

A carrinha chocou de frente e a grande velocidade contra o anúncio da Neiman Marcus na parte lateral do autocarro. A dianteira enrugou-se como um acordeão. Voaram vidros por toda a parte e as rodas traseiras da carrinha elevaram-se a quase meio metro do chão, antes de toda aquela balbúrdia ter finalmente terminado.

Hatfield saiu de imediato do carro, com Walsh a correr atrás dele. Miraculosamente, parecia que o autocarro não estava em serviço — a bordo não seguia ninguém além do condutor. Mas Washington Circle era agora um emaranhado de carros parados e colisões traseiras.

Numa questão de segundos, mais meia dúzia de unidades devidamente identificadas já haviam convergido para o local.

De repente havia agentes fardados por toda a parte, mas Hatfield foi o primeiro a chegar à porta traseira da carrinha. Tinha os painéis metálicos cinzentos metidos para dentro e o puxador cromado feito em papas.

O seu coração permanecia aos saltos por causa da perseguição e ele sentia o sangue a latejar-lhe nos ouvidos. Ainda não tinha acabado. Que diabo estariam eles prestes a descobrir do outro lado daquela porta? Atiradores armados? Homens mortos?

Ou pior... *miúdos mortos?*

## CAPÍTULO 5

Na altura do primeiro incidente na cadeia de acontecimentos, eu não sabia que eram os filhos do presidente que estavam desaparecidos. Tudo o que tinha ouvido no meu rádio fora «possível sequestro». Por esta altura, era só isso que qualquer um de nós sabia.

A essa hora ia a conduzir em direção a leste pela K Street e não estava de serviço. A localização fornecida punha-me a menos de dois quarteirões do local do incidente e eu cheguei a Washington Circle ainda antes dos técnicos de emergência médica. Tinha de ajudar, se pudesse.

Pus-me lá em menos de 60 segundos. Um agente fardado apressou-se atrás de mim, desenrolando um rolo de fita amarela enquanto eu me encaminhava para a carrinha desfeita.

A primeira coisa em que reparei foi na porta traseira completamente escancarada. A segunda, que não havia ali qualquer sinal de vítimas de sequestro.

E a terceira — os Serviços Secretos estavam por toda a parte! Uns com os habituais fatos escuros, outros com *blazers* catitas, gravatas de malha, camisas e calças caqui. Pareciam professores, mas os fios elétricos enrolados em cachos atrás das orelhas contavam uma outra história.

Abri caminho até à carrinha empunhando o distintivo para ver melhor por mim mesmo. O condutor estava preso ao banco, no

sítio onde o bloco do motor tinha atravessado a carroceria com o embate. Estava coberto de sangue abaixo da cintura, com um óbvio traumatismo em redor desta. Tinha o braço direito espetado para cima e para fora, numa posição nada natural.

O tipo parecia a meio da casa dos 30, cabelo encaracolado preto, barba mal semeada e uma mosca tão singela e patética como ele.

Mas onde estava a vítima? Teria tudo aquilo sido um embuste? Uma manobra de diversão intencional? Eu começava a achar que sim, e essa possibilidade fez com que uma vaga de adrenalina me invadisse. *Uma manobra de diversão para quê? Que mais teria acontecido naquela escola?*

— Ele é fiável? — perguntei ao agente de fato de *tweed* ao meu lado.

— É difícil dizer — respondeu ele. — Está meio aparvalhado. Talvez seja do choque. Nem sequer sabemos se fala inglês.

— E não há sinal do miúdo desaparecido? — perguntei.

O agente limitou-se a abanar a cabeça, erguendo em seguida dois dedos.

— Dos *dois* miúdos desaparecidos.

Aquilo estava a tornar-se num *déjà-vu* para mim — dos piores. Há uns anos, eu trabalhara com os Serviços Secretos num outro sequestro duplo, perpetrado por um monstro chamado Gary Soneji. Apenas uma das duas crianças havia sobrevivido. Na verdade, eu próprio tinha escapado por pouco. O John Sampson salvara-me a vida.

Exibi um pouco mais o meu distintivo e depois debrucei-me sobre a janela estilhaçada do lado do condutor.

— Polícia. Onde estão os miúdos? — perguntei ao tipo, logo de rompante. Por defeito, eu tinha de partir do pressuposto de que ele sabia alguma coisa. Não era altura para equívocos.

Ele ofegava em respirações rápidas e superficiais e não tinha qualquer expressão no rosto — como se o seu corpo soubesse

a dor em que se encontrava mas o cérebro não o percebesse totalmente.

Também as pupilas estavam enormes. Demonstrava alguns dos indícios de consumo de PCP, mas aquele tipo acabara de ser alvo de uma perseguição a alta velocidade pela cidade. Eu nunca tinha visto ninguém drogado com pó de anjo a conseguir passar por uma coisa dessas.

Como ele não respondeu — nem uma palavra, um aceno de cabeça ou um resmungo —, tentei de novo.

— Estás a ouvir-me? — gritei. — Diz-me onde estão os dois miúdos! Se é que queres a nossa ajuda para saíres daí.

A ambulância já chegara e eu tinha dois técnicos de emergência médica em cima do ombro, tentando empurrar-me para fora dali. Eu não ia a lado nenhum.

Também ouvi um motor hidráulico a ligar-se algures atrás de mim. Era para o desencarcerador, coisa de que aquele tipo ia mesmo precisar. Mas não antes de eu obter a minha resposta.

— O que é que sabes? — perguntei. — Estás a trabalhar para alguém? Diz-me só onde estão os miúdos!

Foi então que algo no rosto do condutor se alterou. A respiração continuava superficial, mas os cantos da boca curvaram-se para cima e os olhos enrugaram-se, como se alguém lhe tivesse contado uma piada que mais ninguém poderia ouvir ou talvez compreender. Quando finalmente desembuchou uma resposta, esta veio acompanhada de um borrifo de sangue, que se espalhou pelos destroços de volante e painel frontal.

— *Quais miúdos, meu?* — disse ele.



## CAPÍTULO 6

---

A equipa de resgate usou uma tesoura hidráulica para cortar os pilares junto ao para-brisas e à porta da carrinha e depois uma ferramenta Halligan para abrir o tejadilho como se fosse uma lata de sardinhas. É uma imagem impressionante, mas normalmente torce-se pela pessoa encarcerada no interior. Neste caso, nem por isso. Na verdade, mesmo nada.

Enquanto baixavam uma corrente de forma a puxar o motor para trás e retirar dali o nosso amigo de olhar vago, tentei obter algumas informações rápidas do agente dos Serviços Secretos com quem estivera a falar, o Clay Findlay.

— Então, quem são os miúdos desaparecidos? — perguntei-lhe, mas ele limitou-se a abanar a cabeça. Não ia dizer-me, pois não? O que é que se passava? — Oiça — disse-lhe —, eu tenho experiência neste tipo de situação...

— Eu sei quem você é — disse ele, interrompendo-me de novo. — É o Alex Cross. Da Polícia Metropolitana.

Ultimamente, a minha reputação precede-me cada vez mais, mas isso pode funcionar para os dois lados. Naquele momento não parecia estar a ajudar.

— Já temos todas as unidades da Polícia Metropolitana em alerta — disse o Findlay —, portanto, porque é que não vai ver onde é que o seu tenente o pode usar? Estou atolado em trabalho. Também eu tenho alguma experiência em casos destes, detetive.

Não gostei de ser descartado. Vindo de alguém que alegava ter experiência, foi um erro. Cada minuto que passava significava que aqueles miúdos estavam um bocadinho mais longe do nosso alcance. O Findlay tinha obrigação de saber disso. Pior ainda, talvez soubesse.

— Está a ver aquele tipo? — perguntei. Apontei para o condutor. Tinham-lhe colocado um colar cervical à volta do pescoço e estavam finalmente a fazer alguns progressos na sua remoção. — Esta detenção é da Polícia Metropolitana. Está a perceber? Vou falar com ele assim que puder, com ou sem o seu envolvimento. Se quiser esperar pela sua vez, tudo bem, mas, só para que saiba, assim que o levarem para as urgências, ele vai ficar sedado e entubado durante sabe-se lá quanto tempo. Portanto, pode demorar um bocado até você conseguir interrogá-lo.

O Findlay olhou-me fixamente. Vi-lhe o maxilar a deslocar-se para a frente e para trás e ouvi um estalido. Ele sabia que a jurisdição ali era minha e que, se eu assim quisesse, ele estava nas minhas mãos.

— São a Zoe e o Ethan Coyle — disse ele, por fim. — Não deve tardar a ouvir falar do assunto. Desapareceram da Escola Branaff há cerca de 20 minutos.

O espanto deixou-me em silêncio. Atordoado. Subitamente, tive plena noção da enormidade de tudo aquilo — das suas implicações.

— Que mais está a acontecer do seu lado? — perguntei em voz baixa.

— A escola foi encerrada — respondeu o Findlay. — E todos os agentes dos Serviços Secretos disponíveis ou estão lá ou a caminho.

— Será que ainda poderão aparecer por lá? — perguntei. Ele abanou a cabeça.

— Já os teríamos encontrado. É impossível ainda estarem no recinto escolar.

— Faz alguma ideia de como os poderiam ter levado de lá?

Mais uma vez, fez uma pausa. Fiquei com a impressão de que estava a corrigir-se a si próprio à medida que avançava. A outra coisa que eu ainda não sabia era que o Findlay era o agente responsável pela proteção do Ethan e da Zoe. Tudo isto pendia sobre a sua cabeça. *Os filhos do presidente.*

— Nem por isso. Simplesmente aconteceu — respondeu ele. — Existe uma passagem subterrânea. Servia para ligar a casa principal a alguns dos edifícios de apoio. Remonta a tempos antigos, quando ainda era a Propriedade Branaff. Agora mantemos tudo encerrado, mas, por vezes, os miúdos ainda conseguem entrar. Vão fumar um cigarro, pôr-se aos apalhões. Vá por mim, mesmo que o Ethan e a Zoe tenham estado naquele túnel, agora já lá não estão.

O condutor da carrinha encontrava-se por fim cá fora numa maca, fora-lhe colocada uma sonda nasogástrica e um outro tubo intravenoso. Enquanto o empurravam para a parte de trás da ambulância e o metiam lá dentro, eu e o Findlay posicionámo-nos atrás da procissão.

Eu já estava outra vez com o distintivo na mão. E ele, com as suas credenciais.

— Ei! — gritou um dos paramédicos quando subimos para a ambulância. — Não podem...

— Nós vamos acompanhá-lo — disse eu, fechando as portas da ambulância. Não houve mais discussão. — Vamos embora.

## CAPÍTULO 7

A minha cabeça estava cada vez mais acelerada, provavelmente em demasia. Tal como a minha pulsação. E, para além disso, não conseguia recuperar o fôlego.

*Os filhos do presidente.*

O Hospital Universitário George Washington situava-se a poucos quarteirões do local do acidente, portanto a coisa teria de ser rápida. Enquanto os técnicos de emergência médica tratavam do nosso suspeito e transmitiam os seus sinais vitais via rádio, eu inclinei-me sobre ele o mais próximo possível para captar a sua atenção.

— Como te chamas? — perguntei.

Tive de perguntar duas vezes até ele finalmente reagir.

— Ray? — Disse-o em tom de pergunta.

— Muito bem, Ray. Eu sou o Alex. Estás a acompanhar-me?

Ele estava deitado de barriga para cima a fitar o teto. Eu mexi um dedo para a frente e para trás diante dos seus olhos para o obrigar a olhar para mim.

— Essa moça é de quê, Ray? Sabes o que é que tomaste?

A expressão dele estava mais distante do que nunca.

— Só um copo de água — disse ele, por fim.

— Não lhe dê nada! — berrou-me um dos paramédicos.

— *Não estou a dar* — disse eu. — Um copo de água é PCP. É o que ele pensa que tomou.

— Pensa? — perguntou o agente Findlay.

— Uma coisa altamente anestésica, pelo menos. Provavelmente, um *cocktail* para o nariz. — E palpitava-me que não tenha sido ele a fazer a mistura.

» Quem te arranjou a carrinha, Ray? — perguntei. — Quem te meteu nisto? Há mais alguém, certo?

— É demais, é demais — respondeu ele. — Quinhentos dólares e um copinho de água.

— *Quinhentos dólares?* — O Findlay parecia pronto para lhe dar cabo da cara. — Fazes alguma ideia da tempestade de merda em que acabaste de te meter... por causa de quinhentos dólares?

Mas Ray não estava a prestar atenção ao agente dos Serviços Secretos. Olhava em volta, como se tivesse acabado de perceber onde se encontrava. Quando chegou à cintura e ao sangue que empapava a grossa ligadura de gaze, limitou-se a sorrir.

— Esta merda é boa — disse ele.

— Ray? — tornei a tentar. — Ray? Disseste qualquer coisa acerca de ser «demais». A que é que te referias?

— Não — disse ele, contorcendo-se para se afastar. — É demais, é demais. — Os dedos da sua mão esquerda começaram a mexer-se rapidamente; parecia que estava a tocar escalas num piano.

Eu e o Findlay olhámos um para o outro. Fosse quem fosse que tivesse metido o Ray naquilo, sabia o que estava a fazer. Naquele momento em que o rasto dos miúdos ainda estava fresco, a única pessoa que tínhamos sob detenção era praticamente imprestável. Estávamos a perder tempo precioso com aquele tipo. Era exatamente isso que o sequestrador pretendia, não era?

— Chegámos! — gritou o condutor da ambulância lá para trás. — Acabou-se o interrogatório. — Os outros dois puseram-se de pé e começaram a preparar o Ray para sair.

— O que é que é demais? — Tentei mais uma vez. — O que queres dizer com isso, Ray?

— É-de-mais. É-de-mais — disse ele de novo, batendo com um dedo diferente em cada sílaba, e eu percebi que não era como se estivesse a tocar piano. Era como se estivesse a premir teclas de um teclado. Foi então que me ocorreu outra ideia.

*E - DE - + - E - DE - +.*

— Isso é um nome virtual? — perguntei. — Alguém te encontrou online, Ray?

— Cuidado, rapazes!

A parte de trás da ambulância abriu-se por fora. Eu e o Findlay tivemos de saltar primeiro para sairmos do caminho.

À espera já se encontrava uma equipa de emergência médica, juntamente com um grupo incongruente de fatos cinzentos posicionado de um dos lados.

E não se tratava de um grupo qualquer. O Findlay parou de repente no passeio e eu quase o derrubei.

— Senhor Secretário de Estado? — disse ele a um dos de fato.

Ali mesmo à nossa frente estava o Secretário de Estado da Segurança Interna em pessoa, Phil Ribillini.

— Detetive Cross — disse o Ribillini com um breve aceno de cabeça. Já nos tínhamos cruzado uma vez, nos tempos em que eu estava no FBI e ele no Ministério da Defesa. Hoje não havia cordialidades. — Precisamos de uma declaração sua imediatamente — disse ele. — Mas a partir deste ponto é com os meus homens. Tem de ser assim.

Por outras palavras, eu não ia mais longe com o prisioneiro. Tudo o que podia fazer era observá-los a empurrarem a maca do Ray lá para dentro, passarem as portas automáticas e desaparecerem de vista.

Mas essa não era a parte má. O relógio não parava em relação aos dois miúdos desaparecidos.

## CAPÍTULO 8

---

A Dra. Hala Al Dossari tinha 29 anos, era esguia e atraente, com sentido de humor quando necessário, muito inteligente, detentora de grande memória fotográfica. O marido, Tariq, tinha 39 anos, era rechonchudo e estava perdidamente apaixonado pela mulher. Parecia que tinham todos os motivos para viver, mas, na realidade, os Al Dossaris estavam preparados para morrer a qualquer hora. Provavelmente, mais cedo do que mais tarde. Era essa a sua missão.

Hala lançou um olhar de relance ao seu relógio. Tinham sido repetidamente avisados acerca dos perigos no Aeroporto Dulles. A zona de Chegadas Internacionais era uma das mais escrutinadas do mundo. Além dos seguranças armados e dos habituais agentes da Alfândega, o terminal estava equipado com uma equipa bem treinada de agentes de análise de comportamento — AAC. O intuito desses demónios policiais era perscrutar os grupos que chegavam, em busca de algo considerado fora do normal.

Demasiado suor na testa podia fazer com que uma pessoa fosse retirada da fila.

Tal como um movimento rápido de olhos.

Ou um tique nervoso.

— Está quase — disse Hala, apertando a mão do marido de modo tranquilizador. — Já não falta muito. Faz-me um sorriso. Os americanos adoram um sorriso simpático.

— *Inshallah* — respondeu ele.

— Tariq, por favor... *um sorriso*. Mostra só os dentes às câmaras de vigilância.

Por fim, ele lá fez o que ela lhe mandava. Foi uma tentativa de maxilar tenso — mas não deixou de ser um sorriso. Até ali, tudo bem. Mais um minuto ou dois e estariam em plena segurança.

O controlo de passaportes havia decorrido sem qualquer incidente. A recolha de bagagem, apesar de se terem sentido como se estivessem num curral, correrá bem. Faltava apenas o controlo de bagagens, uma última fila de espera antes de poderem verdadeiramente dizer que haviam chegado em segurança a Washington.

Mas, de repente, tudo abrandou para um ritmo muito lento. Era um pesadelo.

Na verdade, Hala apercebeu-se de que *a fila estava completamente parada*.

Lá mais à frente, dois agentes à paisana da TSA\* desprendiam a barreira de segurança, fazendo sinal a duas pessoas para saírem da fila. Tratava-se de um outro casal — também saudita, também com vestuário ocidental.

— Meu senhor, minha senhora, não se importam de nos acompanhar, por favor?

— Para quê? — perguntou o outro homem, imediatamente na defensiva. — Não fizemos nada de errado. Porque é que havemos de perder o lugar a que temos direito na fila?

O sotaque dele era najdi, reparou Hala. Igual ao seu.

Mas quem eram aquelas pessoas? Poderia tratar-se apenas de uma coincidência? Bastou um olhar para o rosto preocupado de Tariq para ela perceber que ele se debatia com as mesmas questões. Estaria a missão americana do casal prestes a ficar comprometida antes mesmo de ter começado?

---

\* Transportation Security Administration (Administração da Segurança nos Transportes). [N. da T.]



Mais pessoal da segurança americana se apressava agora a acorrer ao local. Uma robusta agente negra pegou com firmeza no braço da mulher saudita.

— *Farouk!* — gritou a mulher pelo marido. Depois, berrou para a polícia da segurança. — Deixe-nos em paz! Tire essas mãos imundas de cima de mim!

Ao observar o marido, o coração de Hala falhou uma batida. *Ele estava à procura de qualquer coisa dentro do bolso.* Um dos guardas tentou puxar-lhe o braço para fora, mas o homem empurrou-o para trás com força. O guarda caiu de rabo no chão.

Mais dois agentes se apressaram a avançar. Houve uma briga violenta. O polícia atirou o homem saudita ao chão. Saltou-lhe para as costas. Mas ele resistiu e conseguiu soltar uma mão. No momento seguinte, já tinha enfiado qualquer coisa na boca.

E foi aí que Hala percebeu — não se tratava de nenhuma coincidência. Também ela tinha uma cápsula de cianeto de potássio no bolso. Tal como Tariq.

Fosse o que fosse que aquele casal tivesse feito para alertar as autoridades, não havia nada que os Al Dossaris pudessem fazer por eles agora. Naquele ponto, a sua única obrigação era evitarem ser detetados. Acima de tudo, não podiam ser também capturados.

E não seriam. Não, se mantivessem a cabeça fresca, como Hala bem sabia. O serviço pela causa era tudo. A missão deles podia mudar o mundo. Mas, primeiro, tinham de conseguir sair dali vivos. A Família dependia deles. A sua missão ali era tudo.

Tariq apertou a mão dela com mais força. A mão dele estava transpirada.

— Eu amo-te, Hala — sussurrou ele. — Amo-te tanto!

## CAPÍTULO 9

— Este tipo comeu qualquer coisa! — gritou um dos agentes da TSA aos colegas. Enquanto segurava no homem que se debatia e contorcia, um outro guarda tentava abrir-lhe a boca à força.

Hala viu o fluxo de sangue a escorrer-lhe pelo queixo. Significava que ele tinha mordido o revestimento de borracha da cápsula, até chegar à conta de vidro no interior. O seu coração estava agora aos saltos. Como médica, sabia muito bem quais eram os efeitos do cianeto de potássio no corpo. Ia ser horrível, absolutamente pavoroso de assistir. Sobretudo com uma cápsula mesmo ali, no seu próprio bolso.

Quase de imediato, o homem começou a ter convulsões. O seu torso deu um lento pinote, com as pernas a escoicearem para a frente e para trás. Foi uma reação instintiva, mas, em última análise, inútil. Com o oxigénio no sangue a subir até níveis perigosos, cada vez menos lhe chegava aos órgãos vitais, incluindo os pulmões. Só o pânico já seria excruciante. O terrível ardor interno.

A jovem mulher do homem que convulsionava tombou em seguida aos seus pés. Um fio de sangue também lhe escorreu pelo queixo. Depois mais sangue, pelo nariz.

— Passa-se algo de errado! — gritou a guarda. — Liguem para os serviços de emergência! Precisamos imediatamente de um médico!

A Proteção de Fronteiras estava a dar o seu melhor para manter a ordem, mas o pânico começara a apoderar-se do átrio de Chegadas. As pessoas começavam a afunilar em direção aos postos de controlo de bagagem. Vozes frenéticas ecoavam no teto alto. Rádios de duas vias estralejavam por toda a parte.

— Tariq? — chamou Hala. Ele estava em pé, perfeitamente quieto, mesmo com os outros viajantes a passarem por eles aos encontrões. — Tariq? Temos de ir. *Já*.

Os olhos dele pareciam estar presos ao outro casal, ali a morrer no chão do terminal.

— Podíamos ter sido nós — sussurrou ele.

— *Mas não fomos* — disse Hala. — Mexe-te. Agora! Deixa-te ficar com o comprimido na mão, pelo sim, pelo não. E, enquanto não sairmos daqui, não fales mais nada a não ser inglês.

Tariq assentiu com a cabeça. A sua mulher era também a sua superiora hierárquica. Aos poucos, descolou os olhos dos dois mártires em sofrimento. Hala enganchou o braço com firmeza no dele e virou-se para seguir em frente. Depois, puxou-o como se fosse um animal teimoso.

Passado um momento, os Al Dossaris já se tinham permitido serem engolidos pela multidão. As pessoas em redor choravam. Uma jovem vomitou ali mesmo no chão. Foi então que começaram a clamar pelas saídas, tal como todas as outras pessoas. Só quando se livraram dos elementos da segurança é que guardaram os comprimidos de cianeto.

Tinham conseguido chegar à América.

## CAPÍTULO 10

---

Depois de dar o meu depoimento no hospital, tomei o caminho de regresso à Escola Branaff. Liguei à Bree, contei-lhe o que tinha acontecido e avisei-a de que não ia jantar. Ela foi compreensiva, é essa a grande vantagem de se estar casado com outro polícia.

Uma consistente fila dupla de carros-patrolha da Polícia Metropolitana estava estacionada em ambos os sentidos da Wisconsin Avenue quando lá cheguei. Era um local do crime tão mau como qualquer outro em que eu tivesse estado presente.

A comunicação social já tinha sido contida por um cordão de segurança atrás de uma fileira de barreiras azuis da polícia e eu vi um grupo que me parecia ser de pais muito preocupados e algumas amas ou governantas a esperar num sítio mais próximo do portão principal. Havia alguns alunos a chorar.

Não seria feita nenhuma declaração oficial durante várias horas, se é que iria haver alguma, mas isso não iria impedir as pessoas de perceberem o que se tinha passado. Toda a cena pouco mais era que caos contido. Era óbvio que algo terrível acontecera ali, e nenhum de nós tinha ainda noção do seu total alcance.

— Ponha-me ao corrente — disse eu a um dos agentes fardados alinhados no passeio. — O que é que se passa? Alguma coisa na última hora?

— Tudo o que sei é o que pode ver aqui — respondeu-me ele. — A Polícia Metropolitana está a fazer a segurança da rua. Mas o FBI encerrou e isolou toda a escola.

— Quem é o agente responsável no recinto escolar? — perguntei, mas o agente limitou-se a abanar a cabeça.

— Não entra ninguém, detetive, e as únicas pessoas que saem são miúdos e pais. Verificam-nos literalmente um a um. Até estão a reter os professores. Eu não estaria à espera de grandes informações.

Deixei o agente sozinho para fazer o seu trabalho e decidi pôr-me ao telefone. Há já vários meses que eu era a ligação do departamento de polícia ao grupo dos Serviços Secretos de Campo do FBI. Calculei que isso haveria de me valer algum tipo de ingresso.

Mas calculei mal. Todas as linhas que experimentei do diretório dos Serviços Secretos foram diretamente para o atendedor de chamadas.

O mesmo aconteceu com o Ned Mahoney, um bom amigo que eu tinha na Agência. O mais provável era que nesse momento estivessem todos do outro lado daquela maldita vedação da escola. Talvez até o Ned Mahoney lá estivesse. Eu estava a dar em doido.

O pior de tudo era estar preocupado com o Ethan e a Zoe Coyle e com aquilo por que poderiam estar a passar enquanto eu estava ali fora a esforçar-me em vão. As primeiras 24 horas a seguir a um sequestro são absolutamente cruciais e a mim não me parecia que os Serviços Secretos fossem tomar todas as decisões certas.

Por isso, fiz o que podia. Comecei a andar. Talvez não chegasse ao recinto, mas poderia ficar com uma ideia do perímetro da escola, incluindo quaisquer possíveis pontos de saída que o sequestrador — ou sequestradores — pudesse ter usado.

Continuei também a tentar os telefones à medida que ia caminhando. Fiz uma chamada para o Centro de Informação de

Comando da Polícia Metropolitana. Finalmente consegui falar com alguém.

— CIC, daqui fala o sargento O'Mara.

— Bud, é o Alex Cross. Preciso que me graves uns discos, o mais depressa possível. Estou à procura de tudo o que tivermos num raio de dois quarteirões em torno da Escola Branaff. Das 5h00 às 11h00 da manhã do dia de hoje.

A vigilância do metro de Washington não é topo de gama, como a de Londres, mas, em termos nacionais, estamos na vanguarda. Temos câmaras em cruzamentos por toda a cidade; talvez uma delas tenha apanhado qualquer coisa.

— Queres que mande alguém ir entregá-los à sede quando estiverem prontos? — perguntou o O'Mara.

— Não, eu passo por aí a buscá-los — respondi. — Obrigado, Bud.

Desliguei o telefone quando acabei a chamada. Não queria ter ninguém a ligar-me para me mandar estar em algum lado. Se eu fizesse bem as coisas, podia ir buscar os discos, passar algum tempo a analisá-los em casa e não dar a cara no escritório até à manhã seguinte. Há muito que aprendera que é melhor pedir perdão do que permissão.

Talvez eu estivesse apenas a gabar-me — ou até a mentir a mim mesmo. Talvez não houvesse nada que eu pudesse fazer que não estivesse já a ser tratado pela Agência ou os Serviços Secretos. Mas haveria de me preocupar com isso depois das primeiras 24 horas.

Por fim, por volta das 18h00, desisti e fui para casa. Era evidente que ninguém precisava da minha ajuda ali. Isso não me agradava, mas a minha opinião não era importante. Os filhos do presidente estavam desaparecidos.

## CAPÍTULO 11

---

Se eu fizesse ideia da sequência de coisas horripilantes que estavam prestes a acontecer em Washington, não teria ido ajudar o Sampson nessa noite.

O John Sampson, o meu melhor amigo, e a sua mulher, Billie, faziam parte da comissão organizadora de uma muito necessária escola comunitária e independente que andavam a tentar pôr em funcionamento no nosso bairro, no sudeste de DC. O evento dessa noite era para ser uma reunião informativa, mas as pessoas de todo o bairro já tinham começado a escolher o lado que defendiam.

Por isso, levei comigo reforços — a minha avó de «noventa e poucos anos», Nana Mama; e a minha mulher, Bree, que trabalha como detetive na Divisão de Crimes Violentos e que fora louca o suficiente para se casar comigo poucos meses antes.

Aparecemos os três cedinho no centro comunitário para ajudar na preparação. Eu estava a tentar manter o Ethan e a Zoe Coyle afastados dos meus pensamentos.

— Obrigado por fazeres isto, meu doce. Fico em dívida para contigo — disse o Sampson. Estava a passar cabos de som enquanto eu espalhava cadeiras articuladas. — É provável que as coisas fiquem um bocadinho feias por aqui esta noite.

— Não dá para evitar, John. Tu nasceste assim — disse eu, e ele avançou para mim. Eu e o Sampson trazemos à tona o putro armado em parvo que há em cada um de nós, e fazemo-lo desde

os tempos em que éramos putos armados em parvos que moravam neste mesmo bairro.

— E vamos concentrar-nos. — A Billie apareceu a sibilar, com uma mão-cheia de panfletos para distribuímos à porta. Estava entusiasmada, mas também nervosa, percebia-se. Tinha sido espalhada muita desinformação pelo bairro, e a oposição à escola comunitária estava a aumentar.

Pensei que a chuva pudesse afastar as pessoas, mas às 19h00 a sala estava completamente cheia. O John e a Billie abriram a sessão, falando de uma abordagem de pequena comunidade, tempos duplos de Matemática e leitura, envolvimento parental — tudo o que os fazia vibrar. Só de os ouvir, até eu começava a ficar entusiasmado. Um dia, o Ali, o meu mais novo, poderia frequentar aquela escola.

Mas estávamos em Washington, onde ninguém permite que uma boa ideia se meta no caminho do *status quo*, e num instante as coisas começaram a vir por ali abaixo.

— Já ouvimos isso tudo antes — disse uma mulher com um vestido de trazer por casa e ténis sem atacadores ao microfone na coxia. Reconheci-a da igreja. — A última coisa de que precisamos é de uma escola comunitária a consumir o orçamento da nossa escola pública.

Houve um misto de meios aplausos, meias vaias e alguns gritos desagradáveis pela sala.

— É isso mesmo!

— Vá lá, tenham juízo!

— Qual é o propósito?

— O propósito — interpôs a Billie — é o de que no nosso bairro não há miúdos suficientes a entrar para a faculdade, nem nada que se pareça. Se conseguirmos que desde o primeiro dia comecem com o pé direito...

— Pois, isso e um dólar já nem uma chávena de café te paga — disse a Senhora do Vestido de Trazer Por Casa. — Devíamos



era reabrir algumas das nossas escolas que fecharam, não tentar começar novas.

— Apoiado!

— Senta-te!

— Senta-te *tu*!

Tudo aquilo era um bocado deprimente, na verdade. Fez-me doer a cabeça. Eu já tinha subido duas vezes ao microfone e não tinha chegado a lugar nenhum. O Sampson estava com ar de quem queria bater em alguém. A Billie parecia que queria chorar.

Foi então que senti uma grande cotovelada nas costelas. Era a Nana.

— Ajuda-me a levantar, Alex. Tenho uma coisa para dizer.

## CAPÍTULO 12

— Ora, e não é que isto me parece familiar? — lançou a Nana, pondo-se de pé sobre a cadeira. — Ou será só de mim? — Já tinha conseguido a atenção de toda a gente e parecia nem sequer precisar de microfone. Praticamente todos naquela sala a conheciam.

» Da última vez que reparei, isto não era a Câmara de Representantes nem a tribuna do Senado — disse ela. — Era uma reunião de vizinhos, onde podemos falar a mais de duas vezes, ter ideias diferentes, ouvir ocasionalmente e, quem sabe, talvez até conseguir concretizar alguma coisa de vez em quando.

Aquela mulher tinha uma carreira de 40 anos no ensino e não me custava imaginá-la a dar uma palestra a uma sala cheia de alunos desobedientes. Algumas pessoas à minha volta assentiam com a cabeça. Havia quem parecesse ainda não saber o que pensar daquela velhinha valente.

— Suponho que em parte seja compreensível — prosseguiu ela, dando palmadinhas na bengala enquanto falava. — Todos sabemos o pouco valor que uma promessa pode ter em Washington e, como a senhora mesma disse, já ouviu isto tudo antes. Portanto, se entre vós há quem se sinta um pouco frustrado, ou esgotado, ou seja o que for, deixem-me que vos diga que compreendo. É assim que eu me sinto na maior parte dos dias.

— Mas... — sussurrei ao ouvido da Bree.

— *Mas* — disse a Nana, espetando um dedo no ar —, com o devido respeito, não estamos aqui para falar de vocês.

A Bree apertou-me o braço como se os Wizards tivessem acabado de fazer um afundação que lhes garantia a vitória.

— Estamos aqui para falar dos 88% de alunos do 8.º ano desta cidade que não têm competências a Matemática, e dos 93% que leem mal. *Noventa e três por cento!* Chamo a isso uma emergência acerca da qual vale a pena fazer qualquer coisa. Uma desgraça.

— É isso mesmo, Regina — disse alguém, enquanto se ouvia um «Mmm-hmm» de outro canto. Adoro quando a Nana «vai à igreja», como costumamos dizer em casa, e ainda não tinha terminado.

— Por isso, se estão aqui para uma conversa a sério, vamos a isso — continuou a Nana. — Caso contrário, se vieram pela política, para escolher lados e para manter tudo na mesma, digo-vos que têm uma cidade bem grande aí fora onde podem brincar. — Fez uma pausa durante o tempo suficiente para eu perceber que, secretamente, ela estava a adorar. — E a porta é ali!

Cerca de metade da sala desatou a rir, a aplaudir e a dar gritos de incentivo. Talvez até um bocadinho mais de metade. Em Washington, é a isso que chamam progresso.

Depois da reunião, o Sampson foi ter com a Nana e deu-lhe um grande abraço, seguido de um beijo na face. Até levantou a Nana nos braços durante alguns segundos.

— Não sei bem se terei mudado alguma opinião — disse ela, pegando em mim pelo braço para nos irmos embora. — Mas pelo menos dei a minha.

— Então, ainda bem que assim foi — disse o Sampson. — E para que conste, Nana, ainda não perdeu o jeito.

— Perder o jeito? — Ela esticou-se para cima e deu-lhe uma palmada no ombro enorme. — Quem é que falou em perder o jeito? Nesse aspeto, eu estou a *ganhar* jeito, grandalhão.

E, claro, nenhum de nós contrapôs esse argumento.

## CAPÍTULO 13

---

A equipa de marido e mulher de Hala e Tariq Al Dossari escondeu-se no interior do quarto sombrio do Hotel Wayfarer, à espera de instruções e a assistir à insípida e repetitiva cobertura noticiosa acerca do sequestro dos filhos do presidente. Puseram-se a pensar se o rapto estaria de algum modo relacionado com A Família e acharam que poderia estar. Fosse o que fosse que estava a acontecer, as implicações seriam certamente históricas.

— Há uma grande probabilidade de ter sido a nossa gente a levar aqueles dois fedelhos mimados — disse Hala. No ecrã de televisão passava uma imagem dos rostos sorridentes dos irmãos Coyle em tempos mais felizes, mas ela nada mais sentiu do que desprezo. Ninguém naquele país era inocente. Ninguém estava isento de pagar pela pretensa política externa da América.

— Tenho a certeza de que o plano d'A Família é o correto — disse Tariq, que era um homem bom mas descomplicado.

— O raciocínio do presidente Coyle vai estar toldado. Isso é bom para nós — disse Hala. — Devíamos comer qualquer coisa. Não nos fazia mal nenhum apanhar um bocado de ar, para não ficarmos também *nós* com o raciocínio toldado.

Quando ela se levantou da cama, Tariq pôs-se em pé para ir atrás dela. Na América, quem mandava era Hala.

Lá de onde vinham, os casamentos ainda eram combinados em certas famílias — como acontecera com o deles —, e Tariq

sabia bem a sorte que tivera. Hala era médica, enquanto ele não passava de um mero contabilista. Ela era linda, sobretudo pelos padrões ocidentais. Ele era vulgar e gordo, fosse qual fosse o padrão tido em conta. A mulher chegara mesmo a amá-lo, em tempos, e dera-lhe dois belos filhos: Fahd e Aamina.

*Será que alguma vez voltaremos a ver os nossos filhos?*, perguntava-se Tariq. Não era uma pergunta que se permitisse fazer muitas vezes, mas toda aquela espera deixava-o maluco. Sabia-lhe bem levantar-se e sair um bocadinho do quarto de hotel abafado.

Lá fora, as ruas estavam quase desertas. Na Twelfth Street, tiveram dificuldade em encontrar alguma coisa aceitável para comer. Passaram pelo McDonald's, Pizza Hut, Dunkin' Donuts e depois pelo Taco Bell, fosse lá o que vendessem naquele sítio. A que é que saberiam os sinos\*?

— É só comida de plástico — disse Hala, em tom de escárnio. — Bem-vindo à América.

Estavam parados sob o beiral de um edifício de escritórios, quando um homem saiu subitamente das sombras. Tinha uma pistola na mão e brandiu-a para eles.

— Deem-me a mala. Carteira. Trocos, relógios — grunhiu.

Hala cruzou os braços à frente do peito e falou num tom de voz agudo.

— Não nos faça mal, por favor. Nós damos-lhe o nosso dinheiro, claro que sim. Não há problema. Mas não nos faça mal!

— Eu mato-vos aos dois, cabrões! — disse o ladrão.

No país deles, havia poucos homens tão desesperados como aquele, pensou Hala. Um criminoso assim veria a mão ser-lhe amputada, se o apanhassem.

— Não há problema, não há problema — respondeu ela, acenando com a cabeça. Com uma mão, entregou-lhe a sua mala

---

\* *Bell*, em inglês, significa «sino». [N. da T.]

*Coach* de imitação, e depois, com a outra... gás pimenta! Vaporizou-o sobre os olhos do jovem diabrete.

Ele guinchou e levou as duas mãos à cara, tentando esfregar o veneno ardente. Mas a sua dor estava apenas no início. Hala largou o *spray* e agarrou-lhe facilmente na arma.

Estava tão zangada. Deu um pontapé com força na rótula do rapaz, fazendo-o dobrar-se na direção errada. Quando ele caiu aos gritos, ela pontapeou-lhe o peito, fraturando-lhe algumas costelas.

Os movimentos de Hala eram rápidos, instintivos e atléticos. Nunca parecia estar a mais de um passo ou dois do rapaz. Ele gemeu no chão — até o pé dela lhe desferir um golpe na garganta. Ela deu-lhe depois um pontapé na testa. No maxilar. Também aí lhe partiu osso.

— Não o mates! — disse Tariq, pousando-lhe uma mão no braço.

— Não o vou matar — respondeu ela, recuando. — Um cadáver daria azo a demasiadas perguntas. Não podemos chamar a atenção. Não ainda. — Debruçou-se para falar diretamente para o rapaz no chão. — Mas eu podia ter-te matado... facilmente! Lembra-te disso da próxima vez que apontares uma arma à cara de alguém.

Deixaram o rapaz a gemer nas sombras e atravessaram a rua, apressando-se depois a voltar para o *Wayfarer*. Afinal, não havia nada de jeito para comer na rua. Aquele país parecia o deserto — uma terra árida que tinha de ser destruída.

O que aconteceria sem dúvida em breve.

## CAPÍTULO 14

---

O Centro de Operações de Informação Estratégica do FBI estava a transbordar de polícias lúgubres e stressados naquela tarde de domingo. Tratava-se de um forte esforço concertado, para não dizer mais. Na sala principal de briefings no quinto andar do Hoover Building, só havia lugares em pé.

Ned Mahoney balançava para trás sobre os calcanhares das suas botas pretas e tentava assimilar a situação. Sentia a exaustão a apoderar-se do seu corpo, mas a mente estava imparável. Era muito provável que toda a gente naquela sala sentisse o mesmo. Ethan e Zoe Coyle estavam desaparecidos há *52 horas e 29 minutos*, segundo o cronómetro digital de dígitos vermelhos na parede.

Tinha sido o diretor da Agência em pessoa, Ron Burns, a insistir que o pendurassem e o deixassem assim, bem à vista, até os miúdos serem recuperados. *De uma maneira ou de outra.*

Havia transmissões em direto de câmaras instaladas na Escola Branaff em vários dos grandes ecrãs e mapas com as zonas num raio de 80 quilómetros para fora de Washington. Alguns tinham luzinhas vermelhas a piscar, embora Mahoney não tivesse bem a certeza do que significavam. A Agência operava como o bem oleado polvo que podia ser, com toda a gente a saber apenas o imprescindível.

Ficou tudo a postos para o briefing assim que o diretor Burns chegou, arrastando atrás de si meia dúzia de diretores-adjuntos

com ar transtornado e dirigindo-se à audiência assim que entrou pela porta lateral na parte da frente do auditório.

— Muito bem, quero um ponto da situação imediato por parte dos chefes de secção — disse ele. — Já cá temos o Contraterorismo? A Equipa de Operações Dois?

— Aqui, senhor diretor. — Terry Marshall, a chefe de secção adjunta daquela filial, ergueu a mão e apressou-se a avançar para a frente. Quando apontou um pequeno controlo remoto à parede de ecrãs, Mahoney ficou surpreendido ao ver surgirem duas fotos macabras da morgue. Eram do duplo suicídio no Dulles.

— Farouk e Rahma Al Zahrani — disse Marshall. — Ambos cidadãos sauditas com formação académica na UCLA. Ele dava aulas no Departamento de Física da Universidade Rei Saud; ela trabalhava para uma pequena firma de importação e exportação em Riade. Nenhum registo criminal, nenhuma associação criminosa ou terrorista conhecida, nenhum pseudónimo de que se tivesse conhecimento.

— Tornámos a verificar todas as listas de ameaças, *todas*, repito, e eles não fazem parte de nenhuma. O mesmo acontece com todos os outros passageiros do voo em que chegaram.

— Sim, e? — perguntou Burns. Há 30 segundos na sala e já estava impaciente e exigente com o seu pessoal. Burns era famoso na Agência por causa da frase: «Se não vieres ao sábado, não te dêes ao trabalho de vir no domingo.»

— Oficialmente, continuam a tratar-se de incidentes separados — relatou Marshall. — Mas a escolha do momento é, no mínimo, suspeita. Os Al Zahranis chegaram de avião na quinta-feira à tarde, aproximadamente 18 horas depois de a Zoe e o Ethan desaparecerem. Uma vez que ninguém reivindicou a responsabilidade pelo sequestro, nem pelos Al Zahranis, a bem dizer, não podemos dar-nos ao luxo de excluir uma ligação entre os dois acontecimentos.



A sala ficou em silêncio durante vários segundos. Era mesmo esse o problema — desde que a marca das 24 horas fora atingida e se esgotara, o silêncio estava a matá-los.

— Muito bem, e que mais? — perguntou Burns. — Em que ponto estamos em relação ao condutor da carrinha?

Matt Salvorsen, do gabinete de campo de DC, tomou o lugar de Marshall na parte da frente da sala.

— Até agora, a história dele bate certo — disse Salvorsen. Apresentou uma imagem de uma carta de condução de Maryland. Chamava-se Ray Pinkney. A fotografia era do condutor.

» Analisámos o computador pessoal dele e o motorista recebeu de facto uma mensagem privada desse tal personagem «EDE+EDE+». O contacto foi feito quatro dias antes do rapto.

— Que a minha neta de 10 anos poderia ter falsificado — disse Burns.

— Sim, senhor — reconheceu Salvorsen. — Ainda assim, não acreditamos que o Pinkney tivesse os meios para pôr em prática a operação maior. Ele é um bocado...

— Lerdo?

— Ou coisa que o valha, senhor diretor. Seja como for, estamos em cima dele 24 sobre 24 horas no hospital. Ele sabe que está metido em apuros, e nós estamos bastante confiantes de que nos vai dizer tudo o que sabe.

— Quem mais falou com ele? — perguntou Burns. — Para além dos técnicos de emergência médica e pessoal hospitalar.

— O agente Findlay, dos Serviços Secretos — respondeu Salvorsen. — Está temporariamente fora de serviço. E depois o detetive Cross, da Brigada de Casos Principais da Polícia Metropolitana. Conseguiu interrogar o Pinkney antes de a Agência assumir a jurisdição.

Mahoney levantou os olhos das suas anotações quando ouviu o nome de Cross. Ficou surpreendido ao ver o diretor Burns a olhar diretamente para si.

— Ned, tu conheces bastante bem o Alex Cross, certo?

— Sim, claro — respondeu Mahoney.

— Mete-o neste caso, mas num trabalho leve. Não precisamos de mais chefias. Apenas perto o suficiente para nos mantermos de olho nele. Não lhe digas nada que não seja necessário. *Não quero a Polícia Metropolitana no nosso caminho. Compreendido?*

Mahoney assentiu várias vezes com a cabeça, tentando não verbalizar o que estava a pensar — que Alex merecia melhor do que isso.

— Senhor diretor, o Cross foi crucial no caso Soneji...

— Neste momento, não estou a pedir a tua opinião. Eu respeito o Cross. Mas despacha-te com isso, por favor. Não queremos a Polícia Metropolitana envolvida neste caso, e o Cross é da Polícia Metropolitana! — disse Burns, de modo vigoroso.

Mahoney deu a única resposta possível naquele ponto.

— Sim, senhor. Assim farei.

*Neutralizar Alex.*

# ALEX CROSS

**O BESTSELLER  
INTERNACIONAL**

Um policial alucinante e poderoso, do autor que mais vezes alcançou o n.º 1 do *New York Times*.

**Uma nova organização terrorista ameaça Washington.  
Os dois filhos do Presidente estão desaparecidos.**

Um condutor enlouquecido abre caminho pelo trânsito de Washington, DC; ele é o principal suspeito do rapto dos filhos do Presidente dos Estados Unidos. Enquanto isso, uma nova organização terrorista assassina o Secretário de Estado e contamina o fornecimento de água da capital. Alex Cross é o único capaz de perceber a ligação entre todos estes elementos de caos.

**Alex Cross é um alvo a abater.**

As forças de segurança estão em alvoroço, os Serviços Secretos não têm informação suficiente. Ninguém sabe que um dos alvos poderá ser, precisamente, Alex, que vai alternando o trabalho com uma vida familiar cada vez mais complexa.

**Conseguirá Alex sobreviver, depois de se colocar  
na mira de raptos e terroristas?**

Um enredo surpreendente, cheio de personagens misteriosas, e com surpresas e reviravoltas até ao fim.

**Outros títulos sensacionais de James Patterson, o autor n.º 1 em todo o mundo:**



Série Segundo Cross, n.º 6

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8849-45-8



9 789898 849458

Ficção/Policial